**Nome:** Vinícius Henrique Beltran **Nº USP:** 8967751

**Atividade: *Soneto XII*, de William Shakespeare**

Era um final de tarde de domingo, no dia 16/08/2015, em torno das 18h. O jogo do time de futebol para o qual torço havia acabado de terminar e, como havia combinado com a minha mãe, leríamos e discutiríamos sobre o *Soneto XII*, de William Shakespeare, logo após o término do bendito jogo.

Enfim, lá estávamos nós sentados à mesa. Por algum motivo qualquer, acabei esquecendo de imprimir o soneto em papeis para facilitar a leitura, então acabamos fazendo tudo com a ajuda do notebook. Na noite anterior, eu havia procurado comentários e vídeos sobre o soneto na internet, para compreender melhor o seu significado e fornecer melhores explicações à minha mãe, quando fossem solicitadas.

Ah sim, sobre a minha mãe: o nome dela é Maria, mas costuma ser chamada por quase todos pelo apelido de “Josy” (não sei explicar o motivo). Ela tem 52 anos e é aposentada, mas atualmente trabalha como vendedora em uma loja de calçados e roupas, a qual pertence à minha irmã mais velha.

Então, demos início à atividade. Sugeri que fizéssemos primeiro uma leitura de todo o soneto e, após isso, começássemos a passar com mais calma por cada frase do poema. Antes de efetivamente começarmos, expliquei brevemente o que era um soneto e a estrutura do mesmo.

Enfim, começamos. Primeiramente, lemos o poema inteiro, sem interrupções, mas de forma calma e vagarosa. Ao terminarmos, perguntei o que ela havia entendido do poema, de forma geral, e o que ela não havia conseguido entender. Ela respondeu prontamente que havia ficado com dúvidas sobre o significado de algumas frases, e que isso acabou dificultando um pouco a sua compreensão a respeito da mensagem do poema. Então, voltamos ao início e começamos a interpretar frase por frase, de forma que ela conseguisse entender melhor o sentido das palavras e as conexões existentes entre cada um dos versos e estrofes. A cada verso, eu primeiramente perguntava o que ela havia entendido e o que não estava muito claro. Ao apresentar suas dúvidas, eu tentava explicar o sentido das frases e a relação delas com o resto do poema. Ao passo que ela compreendia o significado da frase como um todo, passávamos à próxima, e assim prosseguimos até o final do poema.

*Quando a hora dobra em triste e tardo toque
E em noite horrenda vejo escoar-se o dia,
Quando vejo esvair-se a violeta, ou que
A prata a preta têmpora assedia;*

Na primeira estrofe, minha mãe havia compreendido que se tratava da passagem do tempo. Ela disse que teve um pouco de dificuldades para entender algumas palavras e, em específico, o verso “*A prata a preta têmpora assedia”*, mas com a explicação feita após termos lido tal frase, ela conseguiu compreender e associar as diferentes formas que Shakespeare coloca para simbolizar a passagem do tempo, tal como essa, que representa o surgimento dos cabelos grisalhos nas têmporas. Então, começamos a segunda estrofe.

*Quando vejo sem folha o tronco antigo
Que ao rebanho estendia a sombra franca
E em feixe atado agora o vejo trigo
Seguir o carro, a barba hirsuta e branca;*

Prontamente, minha mãe disse que havia entendido os dois primeiros versos, associando-os também como uma forma de simbolizar a passagem de tempo, assim como havíamos discutido quando lemos a primeira estrofe. Ela também compreendeu os dois últimos versos dessa estrofe, só que de forma isolada (inclusive, interpretou de cara o trecho “*barba hirsuta e branca*” como uma barba grande, cheia), mas não havia entendido exatamente como que este último verso se encaixava com os outros componentes da estrofe. Então, expliquei que essa “*barba hirsuta e branca*” se referia às inflorescências do trigo quando se tornam vistosas, sendo então cortados e atados em feixes para serem levados por uma carroça, lembrando o aspecto de uma vistosa barba branca. Ela conseguiu entender perfeitamente e logo relacionou tal fato com as plantações de arroz que eram feitas no sítio em que ela morava quando criança, citando o mesmo procedimento de colheita, feixes e carroças. Após ter dito isso, percebi que ela começou a ficar emocionada, como se sentimentos nostálgicos estivessem bombardeando a sua memória naquele exato momento. De fato, ela disse que aquele trecho a tocou de forma profunda, pois trouxe a ela diversas lembranças de sua infância no sítio, de seus pais e avós. A partir daí, ela começou a me contar diversas histórias e acontecimentos marcantes de sua infância, do período em que viveu no sítio e conviveu com elementos característicos de tal ambiente, e também como todas essas coisas lhe traziam boas e saudosas memórias. Após um tempo dialogando sobre essas lembranças, retornamos ao soneto. Lemos então as duas últimas estrofes.

*Sobre tua beleza então questiono
Que há de sofrer do Tempo a dura prova,
Pois as graças do mundo em abandono*

*Morrem ao ver nascer a graça nova.
Contra a foice do tempo é vão combate
Salvo a prole, que o enfrenta se te abate.*

Minha mãe conseguiu entender perfeitamente sobre a efemeridade da beleza das pessoas, e como isso é uma forma de representar a passagem do tempo. Aliás, também de mostrar que a força do tempo é muito maior do que qualquer esforço biológico. Também conversamos sobre como a vida se trata de um grande ciclo, no qual você nasce, vive e morre, sendo então substituído pela “graça nova” para que a continuidade desse eterno ciclo seja dada. Quando falamos sobre a “foice do tempo”, ela comentou sobre como as nossas vidas são limitadas e que, apesar dos nossos esforços, não conseguimos vencer tamanha força.

Quando lemos a última frase do poema, ela disse que não havia entendido muito bem. Então expliquei que, apesar de não conseguirmos vencer o tempo, nós podemos enganá-lo para manter a continuidade do ciclo da vida por meio de “extensões” nossas. Como exemplo, comentei sobre o caso dos filhos, os quais continuariam o ciclo da vida mesmo após os seus pais serem levados pela foice do tempo; então esses filhos teriam outras extensões para lhes substituírem quando a dura prova do tempo chegasse a eles. Também citei sobre outros tipos de “extensões” que podemos deixar, perpetuando o nosso nome mesmo com o passar das gerações, seja por um trabalho ou fato marcante concluído por nós (ou seja, um legado nosso). Como exemplo, o próprio soneto conseguiu fazer com que a mensagem que Shakespeare havia pensado há tantos anos atrás passasse por diversas gerações e chegasse até nós, hoje, discutindo sobre o mesmo e associando-o com as nossas próprias vidas.

Por fim, ela elogiou o soneto, dizendo que, apesar de apresentar alguns aspectos tristes, mostra a realidade do ciclo da vida e como a efemeridade de nossas vidas não é párea para a grandeza do tempo. Ela também apontou a dificuldade que pode estar relacionada com a interpretação de um poema quando o mesmo não é lido com os cuidados e atenção necessários. Após isso, ela acrescentou que o poema lhe trouxe diversas lembranças boas de sua infância, sentimentos nostálgicos, trazendo emoções que estavam guardadas em um canto especial da sua memória.

Após terminarmos a leitura e interpretação do poema, decidi mostrar a ela um trecho do filme “O Homem que Copiava”, que trazia justamente o soneto de Shakespeare. Enquanto o vídeo carregava, fizemos uma pausa para o café (até porque, ninguém é de ferro). O bolo de cenoura que ela havia feito estava sensacional, diga-se de passagem. Pois bem, voltamos à mesa para assistir ao trecho do filme. Ao terminar o mesmo, ela retomou as conclusões que havia chegado quando terminou de ler o poema e voltou a ressaltar a beleza da mensagem trazida por tal soneto.

Enfim, a conversa acabou terminando de forma abrupta, mas de certa forma cômica. Uma revoada de cupins havia invadido a cozinha, e minha mãe prontamente se levantou para espantar as visitas indesejadas. Fiquei observando ela pegar um guardanapo e cortar o ar com o objeto para espantar os insetos. Então fiquei pensando: “Pois é, acho que a dura prova do tempo acabou de chegar para esses cupins. Nesse caso, a foice se trata de um guardanapo. É engraçado como o ciclo da vida para todos os seres, apesar de ocorrerem de formas tão diferentes, terminam com a supremacia do tempo massacrando suas existências. Mesmo a foice do tempo variando em suas formas e métodos de abate da vida, o seu objetivo é, de certa forma, sempre o mesmo”. E lá estão os cupins agora, no chão da cozinha, como prova de que o ciclo deles havia acabado.